



Eixo Temático

4. Educação no Campo, Formação e Trabalho Docente

Título

**OLHARES DE UM PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
PARA A FORMAÇÃO: A ESCOLA RURAL E O ENSINO
“DE COR”**

Autora

Isabela de Barros Lopes

Instituição

Universidade Federal de Uberlândia

E-mail

isabelalopes1993@hotmail.com

Palavras-chave

Professor em Formação; Letramento na Escola do Campo e Ensino de Língua Portuguesa

Resumo

Este texto irá abordar alguns problemas enfrentados pelos professores de língua materna, principalmente aqueles recém-formados. Aqui, apontaremos algumas dificuldades encontradas mesmo no período de formação e que exercem toda influencia, transparecendo com toda vivacidade quando esse docente tem que encarar uma sala de aula. Neste trabalho abordaremos também algumas concepções de letramento, uma das áreas de estudo da linguística que tem aos poucos se tornado uma prática essencialmente importante e que tem sido bastante útil para os educadores, e que merece atenção principalmente dos educadores do campo. Trataremos ainda de algumas dificuldades que professores recém formados encontram em aplicar esse letramento e ainda de encontrar uma metodologia própria para o ensino de língua materna.

Texto Completo

Este texto irá abordar alguns problemas enfrentados pelos professores de língua materna, principalmente aqueles recém-formados. Aqui, apontaremos algumas

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



dificuldades encontradas mesmo no período de formação e que exercem toda influência, transparecendo com toda vivacidade quando esse docente tem que encarar uma sala de aula

Neste trabalho abordaremos também algumas concepções de letramento, uma das áreas de estudo da linguística que tem aos poucos se tornado uma prática essencialmente importante e que tem sido bastante útil para os educadores, e que merece atenção principalmente dos educadores do campo.

Trataremos ainda de algumas dificuldades que professores recém formados encontram em aplicar esse letramento e ainda de encontrar uma metodologia própria para o ensino de língua materna.

Assim fecharemos esse trabalho terá o objetivo ainda de relatar uma experiência obtida sobre o processo de Letramento em uma escola do Campo localizada no município de Uberlândia/MG.

As Angústias de um Professor em Formação

Um recém-formado na área de Letras enfrenta diversos problemas, dificuldades ao se tornar professor de fato e ter que tomar frente de uma a sala de aula, ter a sua turma, os seus alunos, não se constitui numa tarefa fácil. É só assim que ele descobre então a real situação do ensino, e esses problemas muitas vezes são decorrentes de sua formação Universitária.

Durante o curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia [UFU], por exemplo, o discente tem a oportunidade de cursar diversas disciplinas que tem como objetivo levar o aluno a sala de aula, como as disciplinas de Projeto Integrado de Práticas Educativas [PIPE] e os Estágios Supervisionados de Língua Portuguesa.

É importante ressaltar também que os dados aqui expostos são da versão mais recente do Curso de Licenciatura em Letras/ Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia, versão Curricular: 2010-1 onde a carga horária total para integralização do curso é de 2.930 horas.

O curso de Letras/Língua Portuguesa da UFU possui no total sete disciplinas de Projeto Integrado de Práticas Educativas e cada uma delas tem um objetivo na maioria



das vezes levar o aluno a fazer apenas observações de aulas ministradas em rede pública ou privada de ensino, realizar leituras teóricas e ao final fazer um relatório sobre as observações e leituras feitas. Sendo que na sétima disciplina de PIPE o aluno deve então organizar todo material produzido nos anteriores levantando reflexões sobre o processo.

Já a disciplina de Estágio Supervisionado alia também a teoria e a prática, mas de um modo diferente visto que o aluno ministra regências sob orientação do professor supervisor [professor que atua na escola envolvida no processo] e o professor orientador [professor da instituição superior que ministra a disciplina de estágio].

CONSIDERANDO que o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Letras será realizado por meio do componente curricular Estágio Supervisionado, somando-se um total de 400 horas; (http://www.ileel2.ufu.br/letras/wpcontent/uploads/2014/02/normas_estagio_po.pdf. Acesso em: 21/ 01/ 2015)

Então observando essa parte do currículo do curso de Licenciatura em Letras e percebendo que essas são as únicas disciplinas que levam o discente a escola, podemos concluir que não é o suficiente para que ele possa conhecer de fato a realidade escolar.

Nos PIPE'S, por exemplo, o aluno vai às escolas e assiste uma ou duas aulas no máximo, descreve e pronto, no estágio ocorre isso também, o aluno provável formando vai a escola um ou dois dias a fim de realizar suas regências e é só. Além do que como o estagiário deve avisar de sua ida a escola antecipadamente, a escola tem a oportunidade de se preparar para sua visita, criando um ambiente muitas vezes até artificial.

Concluimos que embora o curso de Letras tenha uma boa estrutura curricular, nessas disciplinas práticas ainda deixam muito a desejar, no entanto acreditamos que este seja um problema dos cursos de licenciatura no geral. E que para o professor conhecer a realidade do aluno como ela é de fato, acreditamos que para complementar o currículo das Licenciaturas existem programas como Programa Institucional de Bolsa à Iniciação a docência, proporcionam ao aluno a ter uma experiência maior com o cotidiano escolar, preparando melhor o aluno para encarar a realidade escolar.

As Angústias de um Professor Recém-Formado

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Enfim como vimos anteriormente são diversos problemas que tem suas raízes na formação universitária, os quais se estenderão até que este professor recém formado venha de fato a encarar de fato a sala de aula. Além de não conhecer a realidade onde irá atuar, se ele quiser prosseguir na sua carreira de docente, daremos destaque a três principais problemas: falta de conteúdo a ser aplicado em sala de aula, falta de conhecimento da realidade escolar e a falta de liberdade para criar uma própria prática pedagógica.

O primeiro problema, a falta de conteúdo, diz respeito a grade curricular do curso de sua graduação, onde muitas vezes não é apresentado ao aluno de graduação os conteúdos que tendem a ser ensinados na escola, como o ensino de gramática normativa, que na escola em muitos momentos é requerido que este professor ministre. Deste problema fica a questão, como podemos ensinar algo que não aprendemos?

O segundo problema, está ligado ao primeiro e que conseqüentemente irá se ligar ao terceiro, e que está também ligado a grade curricular do curso de origem. A falta de conhecimento da realidade escolar, é ainda um problema decorrente da formação deste professor, e que já foi abordado no tópico anterior, é também uma questão a ser discutida, e já observada durante a formação. Considerando se então que apenas os estágios oferecidos pelo curso não são suficientes para dar embasamento ao aluno, levando o a conhecer a verdadeira realidade.

E o último problema encontrado é a falta de liberdade para criar uma prática pedagógica, e que não poderia ser diferente. Se o aluno chega ao final do curso sem preparo suficiente, sem conhecimento da realidade logo encontrar dificuldades para exercer sua profissão com excelência. Além de que muitas vezes ainda finaliza seu curso ainda muito jovem, e quando chega a escola muitas vezes é mal visto pelo restante dos colegas de trabalho.

O Ensino de Língua Materna

Diferente de outras disciplinas o professor de língua portuguesa não necessita de ensinar os alunos a língua, pois isto o aluno já possui, o professor só precisara orientar o



aluno de como ele poderá usar a língua de forma mais eficaz, e isto é um dos fatores que tornam o ensino de língua diferente de outras disciplinas.

No entanto na escola, não tem sido dessa maneira, o que se observa hoje é que ela vem trabalhando de forma a criar no aluno uma competência linguística das classes mais cultas, considerando errado qualquer produção que fuja a isso.

Aprender a variedade culta é essencialmente importante, mas, devemos dar a liberdade ao aluno para que se expresse em sua variedade. Não se deve também incentivar o aluno que use com mais cuidado e atenção sua variedade linguística, devemos ter em mente que o aluno sabe a existência da língua culta, e deve ser motivado de maneira positiva a usa lá.

Lidar com essas diversas variedades linguísticas é para o professor de língua portuguesa é ainda mais difícil devido o grande preconceito que ainda se tem com muitas delas. Assim ele precisa enfrentar o preconceito e trabalhar no sentido de denunciar esse preconceito e trabalhar para resolver os problemas que envolvam o uso da linguagem.

Ele deve compartilhar o conhecimento com indivíduos em formação, e conhecer a língua não só o ponto de vista de sua estrutural, mas também fonética, fonologia, sintaxe, semântica diferentes gêneros e a historia de sua diversidade.

Superar esse preconceito que se criou historicamente entre a fala da população e a norma culta não será de fato fácil. Mas se espera que trabalhe para que se construa a inclusão e não a exclusão.

Professor o que fazer?

A língua é frequentemente utilizada como meio de discriminação, preconceito e exclusão social, e a educação linguística se apresenta de modo a combater este preconceito. Se utilizando desta educação linguística o professor é uma ferramenta para combater esta falsa visão de língua.

Todo este preconceito provem de uma falsa visão de que existe uma língua superior, uma ideia de que exista uma língua perfeita, que vive penas num mundo imaterial estando fora do nosso alcance.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Esta visão deve ser desconstruída pelo professor, que deve se valer da sociolinguística para tanto, oferecendo aos alunos que não existe erro, o que existe é algo que chamamos de variação, são mudanças na língua. E que não existem línguas piores nem melhores que as outras, que elas simplesmente mudam.

Uma das tarefas do ensino de língua na escola é discutir os valores atribuídos a cada variante linguística falando sobre a discriminação que pesa sobre determinados usos e conscientizar o aluno em sua produção oral e escrita e que esta estará sempre sujeita a avaliação social positiva ou negativa.

Então é mais que justo que o professor explique as teorias linguística, a origem e o funcionamento das formas linguísticas consideradas padrão e mostre as regras gramaticais que regem cada uma delas. Pois a consciência gera responsabilidade.

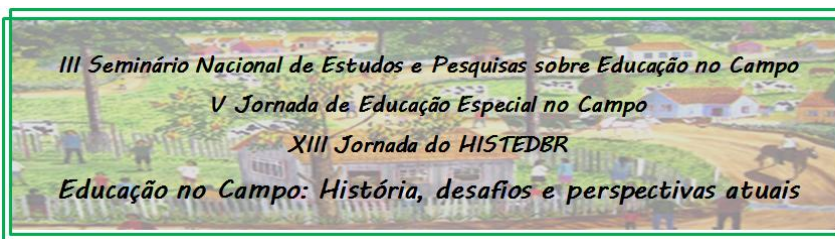
Não podemos força-lo a usar norma padronizada, como educadores temos de expor riscos, vantagens e desvantagens.

Uma Experiência de Letramento na Escola do Campo

E a expressão que a gente tanto usa, *de cor*? Passou até a ser usada de forma pejorativa na palavra “decoreba” pra significar um conhecimento mecânico e burro. Mas *de cor* vem da palavra latina que quer dizer coração (*cor, cordis*). Assim saber alguma coisa de cor é mais que saber com a cabeça. É saber que mora no lugar onde a vida pulsa. A cabeça pode esquecer, mas aquilo que foi aprendido com coração não é esquecido nunca. (Alves, 2013.p. 54)

A Rede Municipal de Ensino de Uberlândia conta com 13 escolas rurais de ensino fundamental, destas quatro estão localizadas nos distritos de Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Tapuirama e Miraporanga; 03 em comunidades e bairros periféricos e 06 em fazendas. Essas escolas são a síntese do processo de nuclearização adotado pela Secretaria Municipal de Educação a partir da década de 1990, indo ao encontro, portanto, da lógica neoliberal de diminuir os gastos com educação.

A experiência relatada neste texto refere-se especificamente a realidade da Escola Municipal Leandro José de Oliveira localizada na zona rural de Uberlândia.



Cabe ressaltar que o presente trabalho está inserido no Programa de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), Subprojeto Educação do Campo.

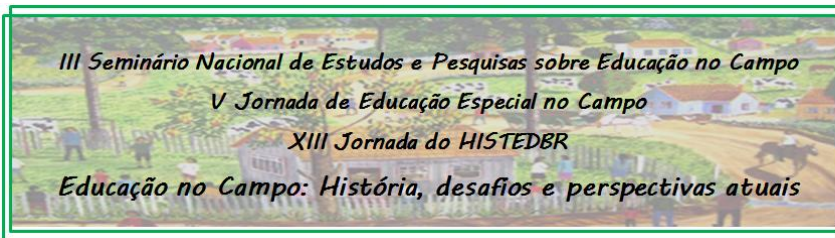
Na escola citada era isso que acontecia, foram dois anos de trabalho e muitas histórias a serem compartilhadas. No primeiro ano trabalhamos com foco na horta que havia na escola.

Através da horta, passamos primeiro trabalhando a disciplina de Artes, confeccionando cadernos para sistematizar os conteúdos. Em seguida, trabalhos matemática com as medidas da horta, depois trabalhamos português pedindo a eles que respondessem algumas perguntas sobre o trabalho desenvolvido. Voltamos a artes com a confecção de um croqui da horta. Fomos a biologia pesquisar o valor nutricional de cada alimento da horta. Conseguimos atingir até a língua estrangeira, onde fizemos um cardápio dos elementos da horta em inglês e fechamos então trabalhando a produção de texto, abordando tudo que fora trabalhado.

No ano seguinte, o trabalho se deu em um período muito curto, visto a alguns problemas com transporte, mas ainda assim conseguimos realizar um trabalho interessante com os alunos. Na oportunidade relembramos com os alunos o trabalho realizado, utilizando a disciplina de língua portuguesa para tanto, pedindo que respondessem algumas perguntas. Em seguida junto aos alunos realizamos uma pesquisa sobre como confeccionar um minhocário, passando então pela disciplina de biologia. Finalizando com a língua portuguesa novamente, solicitando que fizessem um texto de todas as atividades desenvolvidas.

Durante esse período com os alunos podemos concluir que tentávamos exercer esse ensino “de cor”, utilizando temas que viessem de sua realidade, que de certo modo “lhe dissesse algo” e cremos que alcançamos esse objetivo.

Como por exemplo, tanto no trabalho com a horta, quanto no trabalho com o minhocário pudemos promover a inclusão, pois tínhamos uma aluna com deficiência e precisávamos realizar um trabalho segundo a necessidade da aluna. Percebemos esse “de cor” nesta aluna, que se empenhou em trabalhar com o minhocário, indo além, se oferecendo ainda para cuidar do mesmo durante as férias. Aprendeu assim com o coração, acreditamos que será algo que jamais será esquecido pela aluna.



Considerações Finais

Quando eu era menino na escola, as professoras me ensinaram que o Brasil estava destinado a um futuro grandioso porque as suas terras estavam cheias de riquezas[...] ensinaram errado. O que me disseram equivale a predizer que um homem será um grande pintor por ser dono de uma loja de tintas. Mas o que faz um quadro não é a tinta: são as ideias que moram na cabeça do pintor. Soa as ideias dançantes na cabeça que fazem as tintas dançarem sobre a tela. (Alves, 2013.p.76-77)

Concluiremos então com as palavras de Rubem Alves, fazendo uma breve reflexão sobre o ensino. De que adianta uma escola rica, com muitos recursos se o professor não pode ter a liberdade de criar uma própria prática pedagógica? De que adiantara então todos esses recursos?

Pensemos e valorizemos então ainda mais esse professor de escola rural, que muitas vezes mesmo sem recursos possui ideias capaz de transformar a vida de um aluno, como aconteceu no projeto Pibid nos anos em que estivera na escola.

Em suma, é necessário então que nós professores, seja em formação, recém formado ou formador, que possamos refletir sobre as nossas práticas e adequá-las de maneira que ocorra de fato um ensino “de cor”, que fale da realidade do aluno, que o aproxime de sua língua materna, e o faça ter orgulho dessa língua brasileira que representa tão bem a riqueza e a diversidade do nosso país.

Referências

ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: 2013.

ILARI, Rodolfo. **A linguística e o Ensino de língua Portuguesa** - 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. Algumas palavras sobre gramática e ensino. In: **O Português da Gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2011.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



BAGNO, Marcos, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. Língua Materna letramento, variação & ensino.

Maneiras De Compreender a Linguística Aplicada de Almeida Filho

Letramento escolar e formação do Professor De Língua Portuguesa

BOFF, L. **A Carta da Terra. Valores e Princípios para um Futuro Sustentável.** Edição do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis, Ministério do Meio Ambiente e Itaipu Binacional. Petrópolis, 2004.

VITALIANO, C. R. **Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a formação de professores.** 2002, 308f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2002.

O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular / Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores) / 2ª ed. rev. e atualiz. – Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, MEC, Relatora Edla de Araújo Lira Soares, aprovado em 2001, DF.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e terra, 2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Histórica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

BACCELAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Histórica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

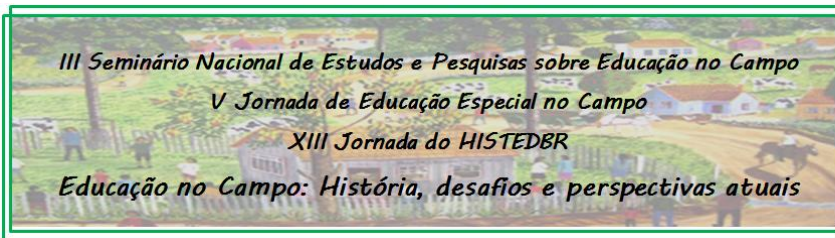
BARROS, Josemir Almeida; LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. História Das Escolas Públicas Primárias em Áreas Rurais: Ausência de Políticas públicas(Minas Gerais 1899 -1911). **Revista Histedbr On Line,** Campinas, v. 50, p.251-263, maio 2013.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil.** São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996.

LIMA, S. C. F. **História do ensino rural em Uberlândia-MG: memórias e práticas de professoras (1926-1979).** Educação em Perspectiva (Impresso), v. 3, p. 127-149, 2012.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



LUCA, Tania Regina de. Histórias dos/nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

SANTOS, Regma Maria. NASCIMENTO, Edna Maria Pereira da Silva. **A PESQUISA E O ENSINO DE HISTÓRIA: a crônica e a leitura do cotidiano**.

http://www.ileel2.ufu.br/letras/wpcontent/uploads/2014/02/normas_estagio_po.pdf(Acesso em: 21/ 01/ 2015)

<http://www.ileel2.ufu.br/letras/wp-content/uploads/2014/08/fluxocurricular-portugues.pdf> (Acesso em: 21/ 01/ 2015)

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015